

**SESSÃO TEMÁTICA 01:
CIDADE IMATERIAL.**

**TÍTULO:
CORPOS NÔMADES: O CORTEJO DA FESTA DA BANDEIRA EM PONTA DE AREIA**

AUTOR: FÁBIO MACÊDO VELAME.

Arquiteto e Urbanista, Mestre em Arquitetura e Urbanismo PPGAU/UFBA, Doutorando em Arquitetura e Urbanismo do PPGAU/UFBA, e Professor Efetivo do Centro Federal de Educação Tecnológica da Bahia, CEFET-BA.

Endereço: Rua Romã, Condomínio Novo Arvoredo, nº 345, Edifício Por do Sol, Apart. 001, Cabula, Salvador, Bahia, Tel:71-3370-0794/ 8845-6213, e-mail: fabio.velame@hotmail.com/ fabio.velame@ig.com.br

SESSÃO TEMÁTICA 01: CIDADE IMATERIAL.

CORPOS NÔMADES: O CORTEJO DA FESTA DA BANDEIRA EM PONTA DE AREIA

Resumo:

O presente trabalho trata o processo de reterritorialização do Culto aos Egum do Omo Ilê Aboulá (um candomblé de culto aos ancestrais, dos mortos ilustres de uma comunidade afro-brasileira) pelo povoado de Ponta de Areia, em Itaparica, Bahia. Essa reterritorialização se dá através do fluxo de corpos individuais de membros do culto reunidos em um corpo coletivo atualizado nos cortejos das festas da Bandeira (20/01) em Ponta de Areia. A festa da Bandeira constitui uma resistência cultural da tradição afro-brasileira, uma vez que o terreiro do Omo Ilê Aboulá sofreu diversos processos de desterritorializações em linhas de fuga provocados pelos agenciamentos e perseguições policiais na década de 1940 (quando o terreiro foi invadido, destruído e seus líderes foram presos), quando tiveram de se reterritorializar em um outro lugar denominado de Barro Vermelho, e, posteriormente, pela especulação imobiliária nos anos de 1960 (quando foram desapropriados pelo capital imobiliário), quando tiveram de se reterritorializar mais uma vez em um outro lugar denominado de Alto do Bela Vista, ainda em Ponta de Areia. O terreiro tornou-se nômade em constantes processos de desterritorialização e reterritorialização exilando-se cada vez mais na periferia da cidade. Todavia, esse processo criou diversos lugares que conservaram reminiscências e vestígios do sagrado que são utilizados e cuidados pelos membros do culto aos Egum no cotidiano, no dia-a-dia e atinge o ápice nas festas do ciclo das águas (a festa da bandeira 20/01, a festa dos presentes a Iemanjá 02/02, e a festa da retirada da bandeira no dia 20/02). A festa da bandeira constitui uma retomada da cidade pelo culto e seus membros, de onde foram expulsos nos anos de 1940 e 1960, quando o cortejo que se inicia dentro do espaço sagrado do templo se irradia pela cidade passando por todos os espaços sagrados onde o terreiro esteve pela cidade anteriormente. O cortejo constrói expressões culturais singulares e únicas em percursos simbólicos repetindo nas diferenças rituais afro-brasileiros que ocorrem a mais de 80 anos pelas vielas, ruas, e praças do povoado. O cortejo em sua faceta corporal encarna as dimensões materiais e imateriais de uma cultura afro-brasileira singular, fruto de alianças de expectativas, subjetividades e percepções de seus membros preenchidas por experiências coletivas passadas de geração em geração pela tradição oral. O cortejo transforma-se em uma máquina de guerra nômade de ação contra o esquecimento, a indiferença, ao preconceito, ao racismo, ao agenciamento e conflitos com a especulação imobiliária, a igreja católica e notadamente contra os cultos pentecostais. Constitui uma ferramenta de resistência tenaz lembrando a todos que o povoado foi fundado por eles e que também lhes pertence, que o povoado de Ponta de Areia em Itaparica é a terra dos Egum, seus ancestrais.

Palavras-chave: Cidade, Corpo, Candomblé.

SESSÃO TEMÁTICA 01: CIDADE IMATERIAL.

CORPOS NÔMADES: O CORTEJO DA FESTA DA BANDEIRA EM PONTA DE AREIA.

Ao se falar e tratar o Candomblé se tem a concepção restrita de que ele se encontra fixado de forma estática e concentrado nos espaços internos dos terreiros. Todavia, o patrimônio afro-brasileiro também está presente fora desse bastião tradicional da resistência. O patrimônio afro-brasileiro encontra-se no cotidiano das pessoas, no dia-a-dia da cidade, em suas vielas, ruas, esquinas, praças e largos, nos terrenos baldios, nos lugares e horários mais inusitados, assim como em eventos fortuitos e festas, nos mais diversos acontecimentos, encontros e errâncias. Para mostrar como a cidade está permeada por uma rede de lugares sagrados que são utilizados no cotidiano e, principalmente, durante as festas dos calendários litúrgicos do candomblé, será aqui tratado como estudo de caso a relação entre o Omo Ilê Aboulá que é o terreiro matriz, no século XX, do Culto aos Egum (o culto aos mortos, os ancestrais, ver Fig. 01) com os espaços do povoado de Ponta de Areia, Itaparica, quando o culto aos Egum transforma a cidade em um templo, a casa de seus ancestrais:

*Quem é o dono desta casa?
É o meu pai.
Meu pai Babá Egum.
Babá mora aqui,
está em mim,
habita em meus irmãos,
repousa em meu filhos,
dorme em meus netos.*

*Babá Egum,
passeia pelas ruas com minhas pernas,
nada no mar com meus braços,
pesca com minhas mãos,
dorme na rede com meu corpo,
mata a fome com minha boca,
sacia a sede com minha garganta.
Babá Egum.
Está em todos os lugares e
não passa por lugar nenhum!
Está em todos os lares e,
não tem chave alguma!
Está em todos e,
não fala com ninguém!*

*Babá é um errante!
Um nômade no Aiê.
Um viajante do Orum,
Um eterno peregrino presente no:
Corpo,
Gestos,
Olhar,
Respiração,
Voz,*

*Atitudes,
Decisões,
Posturas,
Vida,
Lembrança,
E, na Saudade,
de seus filhos.
(VELAME, Fábio M., 2007).*

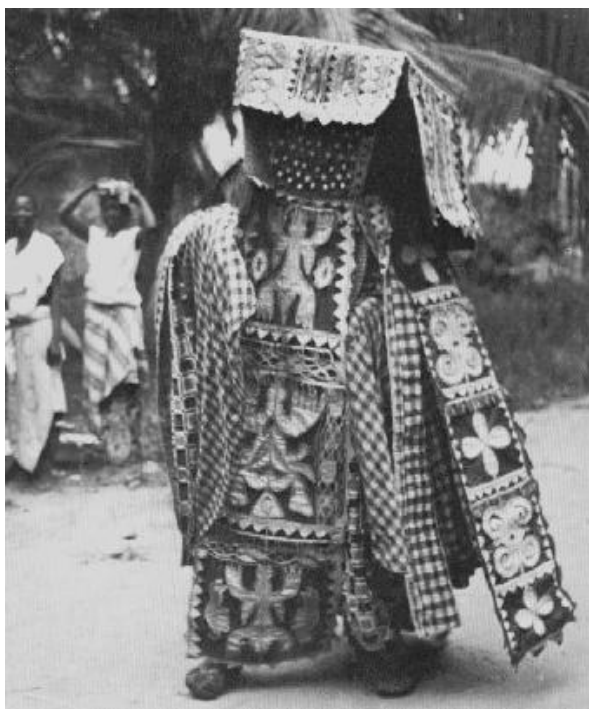


Fig. 01: A indumentária de Babá Egum, o Opá, composto de: abalá, kafô, e o banté.
Fonte: FILHO, Barreto. Nigéria, 1986.

Os espaços sagrados do Omo Ilê Aboulá em Ponta de Areia foram oriundos de diversos processos de desterritorializações e reterritorializações pela cidade em virtude das perseguições policiais nos anos de 1940 e da especulação imobiliária nos anos de 1960 e 1970, que originou, nesse nomadismo, a permanência de elementos e espaços sagrados espalhados por toda a cidade. O Omo Ilê Aboulá, foi fundado em 1940, na localidade de Ponta de Areia, Itaparica, próxima a praia, num local que, na atualidade, fica atrás da Capela de Nossa Senhora das Candeias. O terreiro foi fundado por Eduardo Daniel de Paula¹, filho de nagôs, juntamente com seus familiares. Entretanto, os anos ao longo das décadas de vinte e trinta e o início dos anos quarenta constituíram o auge da repressão e perseguição aos candomblés na Bahia², o Omo Ilê Aboulá, nesse cenário, também sofreu uma perseguição voraz da polícia. O terreiro foi invadido, alvejado por tiros e destruído internamente pelos policiais como conta a edição do Jornal “A Tarde” de 21 de junho de 1940:

¹ Eduardo Daniel de Paula é atualmente cultuado como o Egum chamado Babá Erim (Babá significa pai em Iorubá) e sua festa é no dia 24 de junho. Eduardo Daniel de Paula foi iniciado no culto aos Egum pelo Ojé Aba Tio Opé.

² BRAGA, Julio. Na Gamela do Feitiço: Repressão e Resistência nos Candomblés da Bahia. Salvador: EDUFBA, 1995.

A polícia baiana, em feliz diligência, apreendeu anteontem, à noite, na Ilha de Itaparica, em Amoreiras, um casal de pai-de-santo e copioso material da liturgia fetichista. Há dias, queixaram-se ao Dr. Altino Teixeira, delegado auxiliar, os moradores de Amoreiras, contra aquele “terreiro”, que os punha em constante desassossego. Os “babalaôs” eram Antonio Daniel de Paula e um indivíduo conhecido como “Paizinho”. O Dr. Altino Teixeira entendeu-se com o Sr. Secretário de Segurança e foi enviada para o local uma caravana de investigadores. Às 19hs de anteontem, a caravana cercou a casa, e em seguida, varejou-a. Eduardo Daniel de Paula, pai de Antonio, o chefe-mor mais conhecido como “Alibá” [sic] e sua esposa Margarida da Conceição, que estavam no interior da casa, foram detidos imediatamente. Continuando as buscas, os policiais encontraram grande quantidade de material próprio do culto fetichista; cadeira de resplendor e acolchoadas, caveiras e ossos; crânios de animais; um cetro de aço enfeitado de fitas de várias cores, tendo na parte superior uma pomba de metal e na inferior um espeto (catapó); uma imagem esculpida na pedra representando um deus barrigudo, muito semelhante a Buda (Deus Nanã); várias máscaras de madeira habilmente esculpidas; um quadro da “Mãe d’Água”; vários batuques, cabaças, etc. Todo este material foi transportado para esta capital, juntamente com os dois detidos, aqui chegando ontem à tarde. Os pais-de-santo principais, Antonio Daniel de Paula e “paizinho” Arsênio Ferreira dos Santos, que conseguiram escapar, estão sofrendo severa perseguição por parte de investigadores, que se acham no seu encalço. Eduardo (alibá) o pai de santo que se acha preso, explicou ao repórter, detalhadamente, a função de cada um daqueles objetos, segundo ele, com exceção das cadeiras, datam de muito antes da libertação dos escravos, tendo vindo talvez da África. (BRAGA, 1995, p. 31)

Neste período, segundo Balbino Daniel de Paula, atual Alabá³ do Omo Ilê Aboulá, também começou um lento processo de ocupação e de adensamento urbano do povoado de Ponta de Areia, onde novas pessoas passaram a construir suas casas próximas ao local onde estava o terreiro. Assim, os membros da sociedade de culto aos Egum perderam a privacidade de realizar seu culto. No final de 1941, Eduardo Daniel de Paula conseguiu com a ajuda dos membros e amigos da sociedade comprar um terreno num lugar chamado de Barro Vermelho, em Ponto de Areia. Para lá, conseguiu realizar a mudança do Omo Ilê Aboulá, todavia, mantendo a sua singularidade, repetiram a sua arquitetura na diferença:

No tempo do Barro Vermelho é que era bom, muito bom, as pessoas tinham muito mais respeito, mais disciplina, respeito, já se chegou um tempo lá no Barro Vermelho que só se tinha seis Ojés, tanto era o rigor para entrar na sociedade, não se aceitava qualquer um não, hoje é que está cheio de casas e tem muito Ojés, eu mesmo tive que passar vários anos como Amuixã até chegar a Ojé e quem me confirmou foi Babá Agboulá, eu tive a honra de ser confirmado por Babá Agboulá, hoje em dia fazer Ojé virou negócio, agora que nós estamos no controle e a tendência agora é fazer poucos Ojés para não virar negócio, eu soube que tinha até fita de vídeo de festa de Egum sendo vendida na feira de São Bartolomeu no Rio de Janeiro! de vez em quando aparece um dizendo que é Ojé, mas como eu não vi ele sendo feito agente confirma, mas tempo bom mesmo era o tempo do Barro Vermelho, era uma época de muito respeito. (informação verbal).⁴

Os membros do Omo Ilê Aboulá fugiram das incursões do aparelho de captura do Estado⁵. A intendência (a polícia da época) agia determinada e incitada pelos discursos e agenciamentos da

³ Denominação empregada para denominar um chefe de terreiro de Egum.

⁴ Informação fornecida por Balbino Daniel de Paula, Alabá do Omo Ilê Aboulá em Ponta de Areia no município de Itaparica, em 08 de fevereiro de 2006.

⁵ DELEUZE, G.; GUATTARI, F. Mil Platôs: Capitalismo e esquizofrenia, vol.5. São Paulo: Ed. 34, 1997.

igreja católica e da sociedade mais ampla legitimada pela ciência e pela legislação da época. A igreja acusava os candomblés de bruxaria, fetichismo, feitiçaria e rituais satânicos. A ciência da época legitimou os discursos de que os membros do candomblé eram pessoas degeneradas, dementes, loucas⁶, doentes mentais, com os ditos casos de “patologias mentais” (as possessões) ou “problemas psíquicos” oriundos dos saberes-poderes instituídos e edificados pela medicina clínica⁷ e, principalmente, da psiquiatria⁸, sendo, portanto, objetos de dessecamento científico. A medicina clínica, ainda, acusava membros do candomblé de prática de falsa medicina, de exercício ilegal da medicina, que nada mais era do que a medicina dos pobres e outras formas de saberes. A sociedade mais ampla construiu o discurso dos candomblés como coisa de bárbaros, selvagens, de atrasados, de raças inferiores (o racismo de estado⁹), coisa de “negros”.

Esses discursos e agenciamentos serviam como forma de legitimação das ações da intendência, das perseguições policiais, para que os candomblés fossem reprimidos, controlados, disciplinados e, conseqüentemente, subjugados, dominados, “domesticados” e extintos. Um mal social que deveria ser extirpado, um “problema” social que o Estado tinha por obrigação e dever eliminar, pois revelava todo o “atraso” da Bahia, inviabilizando o projeto de modernização e fragilizava o exercício do poder instituído. O Estado, através de suas instituições (escolas, hospícios, manicômios, prisão, código penal, jurispludência, etc...), deveria tornar os membros do candomblé “civilizados” eliminando traços de civilizações africanas dentro de uma parcela da sociedade que se queria européia.

Realizaram em 1941 a primeira desterritorialização¹⁰ do templo localizado até então próxima à praia de Ponta de Areia, onde foi fundado. Essa desterritorialização aconteceu em uma linha de fuga em direção à localidade do Barro Vermelho, onde reterritorializaram¹¹ o terreiro, criando um outro território¹² para os filhos de Aboulá (ver Fig. 02).

⁶ FOUCAULT, Michel. História da Loucura. São Paulo: Perspectiva, 2007.

⁷ FOUCAULT, Michel. Nascimento da clínica. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

⁸ FOUCAULT, Michel. Microfísica do Poder. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

⁹ FOUCAULT, Michel. Em Defesa da Sociedade. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

¹⁰ Deleuze define desterritorialização como: “A função de desterritorialização: D é o movimento pelo qual “se” abandona o território. É a operação da linha de fuga.” (DELEUZE; GUATTARI, 1997, p. 224).

¹¹ Deleuze define reterritorialização como: “[...] valer pelo território perdido; com efeito, a reterritorialização pode ser feita sobre um ser, sobre um objeto, sobre um livro [...]. (DELEUZE; GUATTARI, 1997, p. 224).

¹² Deleuze define território como: “O território é de fato um ato, que afeta os meios e os ritmos, que os “territorializa”. O território é o produto de uma territorialização dos meios e ritmos[...] Precisamente há território a partir do momento em que componentes de meios param de ser direcionais para se tornarem dimensionais, quando eles param de ser funcionais para se tornarem expressivos [...] A marcação de um território é dimensional, mas não é uma medida, é um ritmo [...] A territorialização é o ato do ritmo tornado expressivo, ou dos componentes de meios tomados qualitativos.” (DELEUZE; GUATTARI, 1997, p. 120).

Ainda hoje se encontram permanências do terreiro original, próximo à igreja de Nossa Senhora das Candeias, com a presença de elementos sagradas, com exceção de Iroco (Orixás árvore, divindade do tempo), que foi derrubado por um raio.

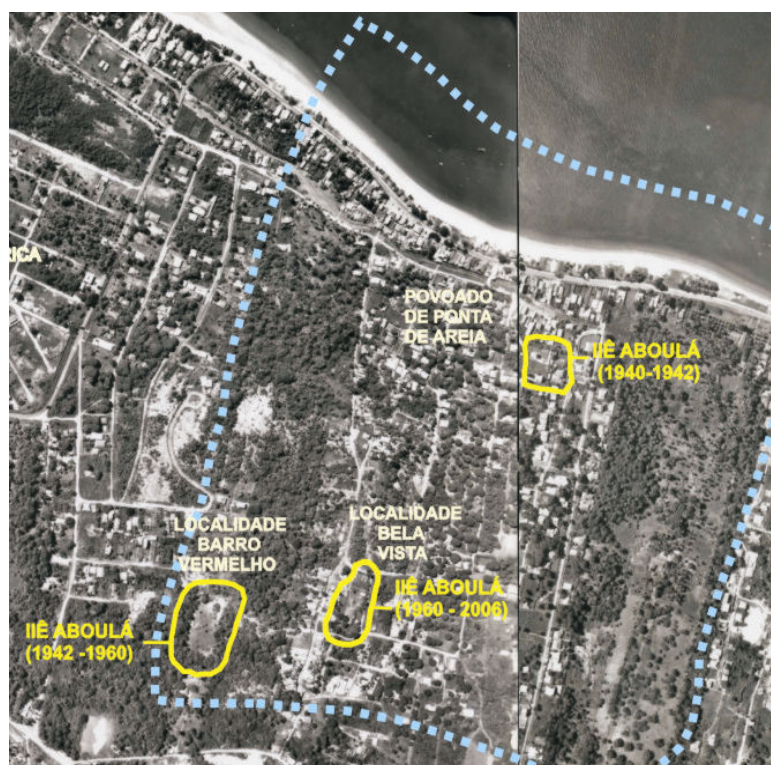


Fig. 02: Desterritorializações e reterritorializações do Omo Ilê Aboulá ao longo do século XX: 1940-1942 próxima a praia de Ponta de Areia; 1942-1960 no Barro Vermelho; 1960-2007 no Bela Vista.

O Barro Vermelho (ver Fig. 02), era um lugar de difícil acesso, situava-se numa área de mata densa, escondido pelo morro do Alto da Bela Vista; era perfeito para as necessidades do bom andamento do culto, ou seja, para a sua privacidade e segurança contra as investidas de curiosos e policiais. Sua visibilidade tinha que ser dificultada, sua localização tinha que torná-lo “invisível” para pessoas estranhas à comunidade e, principalmente, para as incursões policiais.

O Barro Vermelho foi o local escolhido para a reterritorialização do templo, pois dificultava o acesso. Devido a sua localização tática, membros da sociedade conseguiam se revezar na guarda do terreiro. Sempre ficava um membro de vigia no pé da ladeira do Alto da Bela Vista. E, quando se aproximava alguém de fora, policiais, curiosos, pessoas estranhas à sociedade, moradores da Ilha que não pertenciam ao clã da família de Paula ou ao culto, era imediatamente comunicado aos demais, que constituíam uma rede de comunicação, informação e proteção. Rapidamente as pessoas presentes no Omo Ilê Aboulá sabiam o que estava acontecendo e tinham tempo suficiente para tomar as decisões e medidas que achavam mais adequadas:

Antigamente agente tinha que se esconder e fugir para sobreviver então éramos muito fechados e desconfiados, esta história de terreiro de Egum, está história de um lugar muito perigoso, onde a morte e os mortos rondavam, toda está fama do terreiro de Babá foi criada como forma de sobrevivência, para evitar curiosos, pessoas estranhas do culto, pois ainda tinha a perseguição da polícia, investidas policiais, a pressão da Igreja, aí a gente, os nossos mais velhos, os ancestrais, criaram essas histórias para manter as pessoas afastadas, tinha até uma maneira muito específica de lidar com os estranhos e forasteiros, ficava sempre alguém no pé da ladeira que dava para o Barro Vermelho e quando alguém de fora se aproximava ele mandava o recado e o recado ia de casa em casa pelos membros do culto, ou ele ia rápido até o terreiro e avisava, então o pessoal tinha tempo de fechar a casa e sai, quando os estranhos chegavam lá tava tudo fechado, não encontravam ninguém e assim foi indo [...] (informação verbal)¹³.

A partir dos anos de 1960, com a intensificação da escolha da Ilha de Itaparica como um local de balneário por alguns estratos sociais da cidade de Salvador, e, principalmente mais tarde, nos anos de 1970, pela ação direta do governo do estado com: os planejamentos sistemáticos da CONDER¹⁴; a subsequente implantação de infra-estrutura como o sistema Ferry-boat, a BA-001, que cruza a ilha de ponta a ponta e a liga ao continente através da ponte do Funil; a implantação de construções e serviços urbanos (hospitais, delegacias, postos de saúde, escolas, estradas...), viabilizou-se e potencializou-se a especulação imobiliária em toda a ilha. Assim foi o ocorrido em Ponta de Areia, com a subsequente expansão e crescimento do povoado, alterando-se drasticamente os meios de subsistência, as relações e os modos de vida da sociedade de culto aos Egum, que até então era uma pequena vila de pescadores. Foram geradas novas formas de trabalho, novas relações sociais, religiosas e domésticas entre os membros da sociedade de culto aos ancestrais, como se pode notar pela informação de Balbino de Paula:

Já tem um tempo isto, aqui era uma vila de pescadores, antigamente tinha muitos pescadores, a maioria dos Ojés eram pescadores, hoje você conta nos dedos, só tem uns poucos Ojés pescadores, ai depois do Ferry-boat e a pista de asfalto começou a aparecer aposentados e famílias querendo comprar casas e terrenos para morar ou fazer casa de veraneio, as pessoas aqui eram muito simples, a ai começaram a vender suas casas e pedaços de terra que tinham para comprar uma geladeira, um fogão, uma televisão, para ter pouco mais de conforto, e se mudaram para mais perto do terreiro de Babá, no Alto do Bela Vista, ficando mais perto dele para não ter que subir a ladeira nas festas ou quando iam fazer alguma limpeza espiritual, mas como disse eles venderam suas propriedades para ter uma vida com um pouco de conforto, uma oportunidade que surgiu, e eles construíram suas casas lá no Bela Vista. (informação verbal)¹⁵.

Novamente o Omo Ilê Aboulá e seus membros tiveram de se mudar, em virtude de dois loteamentos que surgiram em sua proximidade para atender à classe média, que buscava lotes

¹³ Informação fornecida por Balbino Daniel de Paula, Alabá do Omo Ilê Aboulá em Ponta de Areia no município de Itaparica em 08 de fevereiro de 2006.

¹⁴ Tendência que se consolidou com o Plano Diretor da Ilha de Itaparica de 1978, da CONDER – Companhia de Desenvolvimento da Região Metropolitana de Salvador, que retoma alguns pontos do Plano de Itaparica de Peltier de Queiroz. O Plano Diretor de 1978 considera a Ilha de Itaparica como uma área de balneário, uma opção de lazer, e diversão para a população da cidade de Salvador, propondo equipamentos urbanos, e infra-estrutura para viabilizar este cenário para a Ilha de Itaparica.

¹⁵ Informação fornecida por Balbino Daniel de Paula, Alabá do Omo Ilê Aboulá em Ponta de Areia no município de Itaparica, em 08 de fevereiro de 2006.

para construir casas de veraneio; de aposentados que procuravam um estilo de vida mais bucólico e tranqüilo; de pessoas que buscavam moradia, pois trabalhavam em outros municípios vizinhos a Itaparica. Estes loteamentos de classe média cresceram invadindo a área da mata sagrada do Omo Ilê Aboulá no Barro Vermelho, chegando até mesmo a fonte sagrada de Oxum (divindade nagô das águas doces dos rios e lagoas), a ser privatizada, pois ela se encontrava em um terreno que foi vendido a terceiros, que passaram a proibir o seu acesso para os membros do culto:

Porque foram abertos loteamentos próximo ao Barro Vermelho, abriram vários lotes, e aí agente perdeu a privacidade de fazer os nossos cultos, de fazer as nossas coisas [...], sempre tinha alguém passando, ou olhando, aí não dava pra fazer as nossas atividades, foi quando a finada Mãe Senhora, que era a mãe de Didi e ocupava o cargo de lá Ebé comprou o terreno no Bela Vista, mas agente perdeu a fonte sagrada, o terreno onde fica a fonte foi comprado e o dono deixava agente ir lá pegar a água para os rituais, para as nossas necessidades, mas o dono novo, que comprou do outro, não deixa de forma nenhuma agente entrar lá, e era um lugar não só importante pro culto mas também que faz parte da nossa história de vida, quando era criança as vezes Babá aparecia e agente corria pra casa, ele pegava as roupas, ou agente ia pra fonte e quando chegava lá tinham coisas das roupas de Babá aí agente voltava pra casa nem se atrevia a entrar na água. (informação verbal)¹⁶.

Em virtude destes loteamentos, além de perder parte da mata sagrada e a fonte sagrada de Oxum, o terreiro do Omo Ilê Aboulá no Barro Vermelho perdeu também a privacidade para realização de seus rituais secretos e até de suas festas públicas. Na primeira metade dos anos de 1960, Mãe Senhora, a lá Ebé¹⁷ do culto aos Egum, comprou um terreno na localidade do Alto da Bela Vista, fazendo a sua mudança; ali o Omo Ilê Aboulá se encontra até hoje (ver Fig. 03).



Fig. 03: Vista do barracão no centro do espaço sagrado público do Omo Ilê Aboulá.
Data: 08/02/2006.

¹⁶ Informação fornecida por Balbino Daniel de Paula, Alabá do Omo Ilê Aboulá em Ponta de Areia no município de Itaparica, em 08 de fevereiro de 2006.

¹⁷ A lá Ebé é o mais alto cargo feminino da hierarquia do culto aos Egum, é a mãe da sociedade e responsável por todas as atividades relativas aos Orixás.

Novamente, os membros do culto aos ancestrais desterritorializaram o templo do Omo Ilê Aboulá, localizado naquele momento no Barro Vermelho, em uma outra linha de fuga, mas dessa vez em direção ao Alto do Bela Vista, onde o templo e os membros da sociedade dos Egum se reterritorializaram, criando um outro território. Segundo Laércio dos Santos, Alabá do Ilê Babá Onilá no Rio de Janeiro e Ojé Abá do Omo Ilê Aboulá:

Chama-se Bela Vista, mais a casa atende de babadolua que é o terreiro que é o dono da casa, eu nunca perdi festa aqui desde quando eu não tinha casa de candomblé eu vivia em São Paulo, sempre andava nas minhas obrigação de dia 6 de janeiro eu tava aqui, dia 8 de setembro eu tava aqui cedo acompanhado meus tios, meus primo, meus irmãos que deus já levou tudo, e sempre to aqui como estou aqui hoje porque se eu não controlo, eu tava aqui ajudando meu irmão tirando alguma coisa de mim pra ajudar, que na sua casa não tem nada e eu ajudando a festa de omolocotum vai sair e no dia 6 de janeiro nós começamos a festa no dia 5 e fomos até o dia 9 foi três dias de festa o pessoal comeu eu dei comida pro povo, teve tudo, bandeira agora dia 20 comprei fogos tudo quer dizer, eu estou aqui né tira nada daqui eu to aqui ajudando qualquer coisa aqui pra casa não cair. (CAETANO; SOARES, 2006).

Novamente este terreiro, lutando pela sua sobrevivência, buscou um outro lugar, onde pudesse cuidar, zelar, reverenciar e invocar seus ancestrais. Um lugar onde, mais uma vez, pudesse transferir o templo, o Omo Ilê Aboulá. Segundo Agostinho dos Santos, Ojé Abá do Omo Ilê Aboulá:

Era Eduardo Daniel de Paula morreu com cento e poucos anos foi o fundador desse terreiro lá embaixo lá no fundo da igreja e depois mudou para o barro vermelho mais a finada a senhora Maria Bibiana do Espírito Santo pediu a babolua que na época não tinha ferry boat era navio então ela vinha no navio soltava em Itaparica e finado Caetano que sempre nas festas de babolua dava coisa dava carne pra dar comida ao pessoal ela que botava lá no jipe e trazia até ali ao barro branco então ela subia então ela pedindo já to ficando velha e cansada e pediu pra babolua se ele dava o consentimento dela comprar um terreno pra fazer a casa dele mais perto ai ele chegou e disse que dava porque ela disse que ficava cansada então naquela época ela subia aqui pela ponta do barro vinha de tarde com a fresquinha e só tinha um pedacinho de ladeira como é esse pedaço e a ladeira de lá era maior aí babolua deu consentimento a ela então ela comprou esse terreno e deu pra babolua [...] Eu nasci nessa casa eu vim de minha mãe de meu avô minha avó meu pai eu vim dentro da magia aqui da casa e se furar aqui o sangue é de seu Eduardo Daniel de Paula. (CAETANO; SOARES, 2006).

No bairro do Alto da Bela Vista, residem algumas famílias, cuja grande maioria é formada por parentes e membros da sociedade de culto aos Egum. Constitui uma comunidade, uma família extensa, ligados por laços consangüíneos e religiosos, descendentes de Eduardo Daniel de Paula, segundo Agostinho dos Santos, Ojé Abá do Omo Ilê Aboulá:

Então naquela época, o pessoal a minha avó era que fazia os partos daqui, mais era todo mundo parente, por que na família todo mundo era parente entendeu? Era filha, era sobrinha, neto então era assim, então ele e Laércio já eram um pouco mais velho do que eu, então ele alcançou mais coisa do que eu, por que quando me aprofundei, por que eu trabalhei em Salvador e depois que eu vim pra cá, e quando me aprofundei na seita e comecei a entrar nas obrigações eu ainda peguei meu tio Antonio que era um veterano e eu já to com quase trinta e poucos anos de oje já [...] Meu nome aqui dentro do babolua é oluidê, e o meu de batismo é Agostinho dos Santos, eu sou filho de dona Ninha de Paula, e filho de Fernando Vitoriano dos Santos eu sou filho da primeira irakekê no tempo da Moreira do Barro Vermelho, e ela morreu aqui nesse terreiro aqui, então sou filho dela, eu Laércio, Domingos mais uns 4 irmão que morreram, morreu Domingos o mais velho, morreu Jaime que também era oje, morreu Sarafim que era oje também, e morreu Benicio que também era oje, e o meu irmão caçula morreu ali tocando tabaque ali que hoje é egum que se chama omoilê, essa é a minha família então nós não escreveu com Daniel de Paula por causa de meu pai mais a gente tem Daniel de Paula de minha mãe. (CAETANO; SOARES, 2006).

Isto é confirmado por Laércio dos Santos, Alabá do Ilê Babá Onilá no Rio de Janeiro e Ojé Abá do Omo Ilê Aboulá:

[...] tem muitos filhos, netos, bisnetos, tataranetos a comunidade é isso aí tudo, depois a senhora vai sair aí e vai ver o pessoal tudo aí fora, o Agostinho mesmo mora aqui em cima e aí tem um mucado de minino que mora tudo por aqui mora tudo perto da roça pra olhar por que a área é aberta e a gente tá fazendo um jeito de fechar entendeu? Pidindo a um, pidindo a outro pra justamente fechar, eu por exemplo, no Rio já pidi pra me ajudar pra ver se eu faço essa cozinha, daqui até setembro eu quero essa cozinha pronta. (CAETANO; SOARES, 2006).

Nas datas importantes do calendário litúrgico e nas obrigações, boa parte da sociedade, mesmo os que moram em Salvador e outros estados, para lá geralmente voltam, permanecendo no povoado por vários dias, fortalecendo os laços da sociedade, recebendo as bênçãos, os conselhos e as repreensões dos Babás, estabelecendo enfim todo um processo de continuidade da tradição e de sua singularidade cultural.

Ninguém vive, hoje em dia, dentro do Omo Ilê Aboulá, pois lá é a morada dos Egum. O terreiro, durante a semana, fica totalmente fechado, para que ninguém entre sem autorização e macule o espaço sagrado. Ele é aberto apenas aos sábados para os rituais semanais dos ossé dos Egum, durante as festas sagradas do calendário da casa e, eventualmente, em algum serviço espiritual feito pelos Ojés a terceiros ou membros da casa durante a semana.

O tempo profano do templo do Omo Ilê Aboulá pertence ao cotidiano. Esse tempo ocorre no povoado de Ponta de Areia, em suas ruas, vielas, praças, mercearias, vendas, bares, praia, ou seja, fora dos seus muros. Entretanto, esse tempo é regido pelos princípios do culto aos Egum. O candomblé, no culto aos Egum, ganha as ruas e está nelas todos os dias em Ponta de Areia, ele está onde os membros da sociedade estão a cada instante.

É no espaço e tempo profano do Povoado de Ponta de Areia que se dá o cotidiano do terreiro Omo Ilê Aboulá, ocorrendo a reprodução das hierarquias litúrgicas e das relações de gênero dos membros do templo na vida social nos espaços públicos e semi-públicos do povoado, assim como na esfera privada do lar. Ocorre, portanto, uma coexistência entre o sagrado e o profano, eles não constituem dois momentos opostos, duais, ou dicotômicos, mas interagem de formas simultâneas. Essa relação é levada do terreiro para as ruas do povoado de Ponta de Areia, durante as festas das Águas. São festas em que o terreiro se espalha por toda a cidade, se desterritorializa do seu território do alto do Bela Vista e em fluxo se reterritorializa pelas vielas, ladeiras, praças, praia e o mar.

A conexão, interrelação, interação, coexistência e simultaneidade entre os espaços e tempos sagrados e profanos dos membros do culto dos Egum, tanto no terreiro quanto no Povoado de Ponta de Areia, atinge o seu ápice, evidenciando essas relações, com as três festas das águas. Essas festas consistem em celebrações para as divindades das águas: Iemanjá, Oxum e Olocum; e ocorrem nos meses de janeiro e fevereiro. Elas são: a festa da Bandeira no dia 20/01, a festa dos presentes no dia 02/02 e a festa da retirada da bandeira no dia 20/02. Essas festas são de grande importância para a sociedade de culto aos ancestrais, pois esta comunidade era inicialmente composta de pescadores. Os Ojés mais velhos até hoje desempenham essa atividade. A primeira festa é a da bandeira, que se inicia no dia 20 de janeiro (ver Fig. 04). Ela começa por volta das três horas da tarde depois do ritual reservado do Padê e do despacho de Exu no barracão como todas as demais festas de Egum.

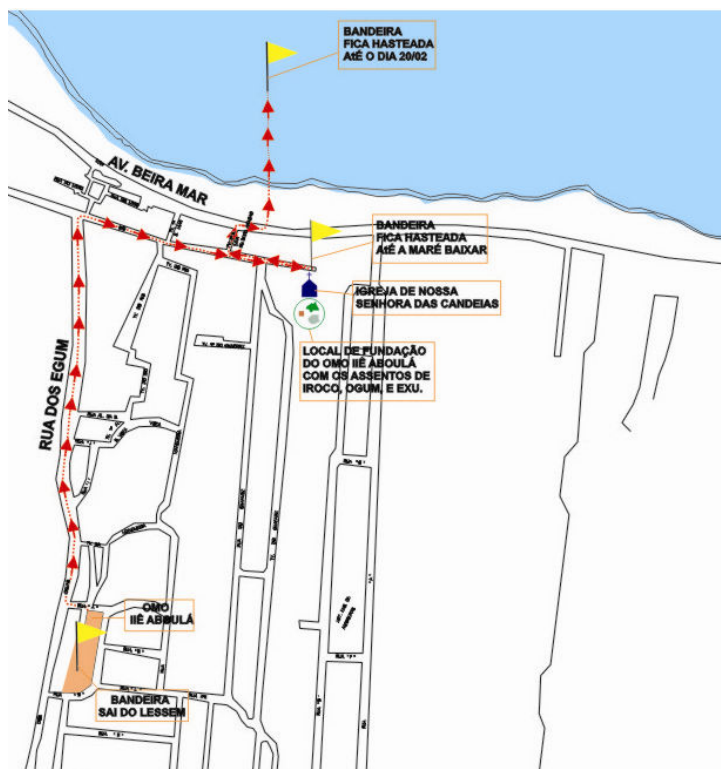


Fig. 04: Trajeto do cortejo dos membros do culto aos Egum na festa da bandeira, 20/01, em uma corrente de axé pelas ruas de Ponta de Areia.

Depois, todas as pessoas presentes, tanto as mulheres do culto que fizerem a roda para o despacho de Exu quanto os demais membros do culto e as visitas, se encaminham para o espaço sagrado privado ao lado do Lessém (a casa do segredo), próximo à cajazeira de Ogum e ali começam a entoar as músicas de Babá. Logo após puxarem as músicas eis que se abre a janela do Lessém e aparece Babá Amoró Mi Todo, que com grande festa é recebido por todos que lá estão. Ele, com a grande alegria de estar presente entre os seus filhos, começa a dançar na janela do Lessém, e os presentes aplaudem e cantam em sua homenagem ao som dos atabaques que os Alabés (músicos) trouxeram do barracão. Babá se faz presente com a sua forma de falar, o seu Kê, e com a sua indumentária, o seu Opá:

*No Opá estão:
à morte e a vida,
o início e o fim,
a criança e o velho,
todos que já se foram,
todos que virão.*

*O Opá é o segredo:
proibido,
não dito,
não indagado.*

*O Opá é o silêncio:
do olhar,
um olhar falante,
numa fala que vem do Orum.
O Opá traz a memória:
a lembrança de quem foi,
de quem foi,
mas que volta,
pra lembrar pra quem ficou
das pessoas que por aqui passou,
dos seus:*

*Feitos,
Sofrimentos,
Lutas,
Sacrifícios,
Alegrias,
Vitórias.*

*Pra lembrar para quem fica,
da herança recebida,
da eterna vitória da vida.
(VELAME, Fábio M., 2007).*

Babá então pergunta pelos seus filhos, começando pelas mulheres mais velhas. Estas prontamente vão respondendo com grande respeito e lhe pedem a bênção. Depois ele pergunta pelos seus descendentes diretos, e todos eles lhe pedem a bênção. Babá abençoa a todos com o seu axé, balançando o seu banté através da janela em direção aos seus filhos.

Em seguida, Babá pergunta por aqueles que não estão presentes e manda que alguém vá buscá-los para que ele também leve a bandeira para o seu lugar, cujo o objetivo é simbolizar, lembrar e avisar a todos da sociedade de culto aos Egum de Ponta de Areia que está aberto o período das festas das águas. Continua a festa ao som dos atabaques, das cantigas das mulheres, dos aplausos de todos enquanto há a dança de Babá Amor Mi Todo, quando surge a bandeira que sai de dentro do Lessém por uma janela.

A bandeira é um corpo constituída de dois panos pintados com elementos marinhos, em louvor a Iemanjá, que são presos num mastro de madeira roliça de doze metros de comprimento pintado em faixas alternadas de branco e azul, possuindo ainda um enorme ramo de folhas sagradas em sua ponta. Os Ojés pegam o mastro, o retiram do Lessém através da janela e o entregam às pessoas da casa para que elas o carreguem pelas ruas do povoado. É uma grande honra segurar o mastro, são notórias as brigas entre os jovens que disputam e se digladiam por um lugar que dê para segurar o mastro, pois constitui uma bênção, uma vez que ele possui em si um grande axé (energia vital) porque passou por rituais específicos de preparação no Lessém (ver Fig. 05).



Fig. 05: Saída do cortejo do Omo Ilê Aboulá
Data: 20/01/2007.

Uma Iá Abá vai na frente carregando o mastro (ver Fig. 06), liderando momentaneamente o cortejo, cantando as músicas puxadas pelos Ojés Abás ao som dos atabaques, que são levados juntos pelos Alabés pelas ruas de Ponta de Areia. O cortejo adentra a rua dos Egum, no Bela Vista, arrebatando as pessoas que estão na rua a espiar o cortejo. O cortejo torna-se uma corrente de axé que sai do Lessém e ganha as ruas do povoado através do fluxo dos corpos dos membros do culto a cantar as cantigas sagradas no ritmo dos atabaques.



Fig. 06: Na ponta do mastro são colocadas folhas sagradas.
Data: 20/01/2007.

A corrente se transforma em um corpo nômade em fluxo pelas ruas do povoado. Os Alabés (os músicos), no início da ladeira dos Egum, tomam o seu correto lugar no ritual, que é na frente do cortejo (ver Fig. 07). Carregando os atabaques, os Alabés passam a conduzir o cortejo para que o som sagrado dos atabaques junto com as músicas cantadas pelas Erelu (cantadoras de Egum) preservem o axé da corrente criada a partir do terreiro. Os Alabés guiam o cortejo pelos espaços profanos das ruas do povoado tornando-os sagrados no instante no qual passam por elas, reterritorializando o terreiro, o Omo Ilê Aboulá, em Ponta de Areia.



Fig. 07: Os Alabés na frente do cortejo descem a ladeira dos Egum em direção a Ponta de Areia.
Data: 20/01/2007.

No início da ladeira dos Egum, um Ojé Abá (sacerdote ancião) toma a frente do mastro no lugar da lá Abá, cuja idade avançada a impossibilita de carregar um mastro tão pesado pelas ruas do povoado. O Ojé Abá puxa as cantigas sagradas e impõe respeito com a presença de seu corpo ao cortejo, legitimando o ato ritual pelo seu saber e conhecimento do domínio das músicas sagradas entoadas durante a festa da bandeira.

Ele imprime sabiamente ritmo ao cortejo, e todos o seguem com extremo respeito e admiração, o corpo nômade em fluxo do cortejo segue a direção de suas palavras, tornando-se o rumo do seu fluxo. O corpo da bandeira é constituído por dois panos bordados em seus perímetros possuindo pinturas referentes a elementos do mar, que é a casa de lemanjá.

O primeiro pano contém pinturas e bordados de estrelas marinhas, conchas, seixos e a lua sobre o mar à noite, com o seu reflexo sobre as vagas prateadas das ondas (ver Fig. 08). O segundo pano contém a própria lemanjá, resignificada, na forma latinizada de uma sereia, a se embelezar com um espelho sobre um rochedo no mar durante o dia, sob a luz do sol, tendo ainda pintados no pano conchas e cavalos marinhos, os seus servos (ver Fig. 09).



Fig. 08: A primeira bandeira leva pinturas de elementos relacionados ao mar de lemanjá.

Data: 20/01/2007.



Fig. 09: A segunda bandeira leva uma pintura de lemanjá sobre um rochedo no mar.
Data: 20/01/2007.

O corpo nômade do cortejo com seu fluxo de axé alimentado pelos sons dos atabaques chega a Ponta de Areia, deslocando-se em direção à Igreja de Nossa Senhora das Candeias. O cortejo chega ao largo da Igreja de Nossa Senhora das Candeias, cuja etapa do ritual é uma homenagem e reverência a aqueles que já se foram, os ancestrais que fundaram o terreiro do Omo Ilê Aboulá por suas lutas, sacrifícios, e perseguições que sofreram. Essa reverência aos fundadores da casa é feita pelo corpo nômade do cortejo girando com o mastro e a bandeira uma vez no sentido anti-horário no largo da igreja, cantando as cantigas sagradas ao ritmo dos atabaques em louvor, honra e glória aos seus ancestrais (Fig. 10).



Fig. 10: O cortejo dá uma volta com o mastro e a bandeira formando um círculo em sentido anti-horário no largo da igreja.
Data: 20/01/2007.

O que interessa neste espaço, que faz com que o corpo nômade do cortejo desça o Bela Vista e vá em sua direção é o simbolismo do lugar, pois foi aí que o terreiro foi fundado (atrás da igreja de Nossa Senhora das Candeias, tendo lá ainda uma cajazeira de Ogum e um assento de Exu, sendo que o Iroco que existia foi derrubado por um raio). Foi neste lugar que se plantou o axé do terreiro por Eduardo Daniel de Paula, foi aí que o Omo Ilê Aboulá nasceu e se fortaleceu pela luta que se travou contra a perseguição policial, o preconceito vigente e a especulação imobiliária. O corpo da bandeira é fincado no largo em frente à Igreja de Nossa Senhora das Candeias por volta das cinco horas da tarde.

Os Ojés e os filhos do Omo Ilê Aboulá levantam o mastro e a penetram na terra. Ao ser cravado na terra de Onilé, o corpo do mastro da bandeira crava no largo o próprio corpo do Omo Ilê Aboulá (Fig. 11). A bandeira com seu axé reterritorializa o templo e os membros da sociedade de culto aos Egum no povoado. A bandeira demarca o território dos filhos de Aboulá, lembrando a todos (a igreja católica, os cultos petencostais, e os veranistas) que ali seus ancestrais estiveram primeiro, que naquele lugar seus ancestrais fundaram o Omo Ilê Aboulá, viveram e lutaram.



Fig. 11: Finca-se a bandeira em frente a igreja da Nossa Senhora das Candeias até a maré baixar a noite quando ela será fincada no mar.
Data: 20/01/2007.

Aquele lugar para eles é sagrado, não importando quantas construções e obras sejam feitas ali, quantas transformações e mudanças ali sejam realizadas, pois o que importa é o lugar, porque o que importa não é o que está sobre a terra, mas sob ela, o “sangue” de seus ancestrais que banharam a terra de Onilé. O largo em frente à igreja se transforma, momentaneamente, através do ritual, em um território do templo de culto aos Egum, passa a ser um espaço do terreiro, torna-se o próprio Omo Ilê Aboulá, fazendo com que os limites do terreiro no Bela Vista sejam ampliados, lançando sua extensão no largo da igreja.

O corpo da bandeira fica no largo até que a maré baixe por volta das oito ou nove horas da noite, quando ela será retirada pelo corpo nômade do cortejo e conduzida para a praia ao som dos atabaques e cantigas sagradas. Depois será levada para um barco, onde os Ojés a fincarão no mar, no lugar em que ela é colocada todos os anos ao som de fogos de artifícios e foguetes.

Ao chegar a noite o cortejo desterritorializa o corpo da bandeira e simbolicamente o templo, do largo da igreja e as reterritorializam no mar da Baía de Todos os Santos. O corpo da bandeira, ao ser cravado no mar, em frente ao povoado, reterritorializa mais uma vez, o Omo Ilê Aboulá em toda Ponta de Areia. O terreiro passa a ser simbolicamente, por trinta dias, todo o povoado.

Cada rua, viela, esquina, praça, cada construção e paredes de Ponta de Areia passam a ser espaços do terreiro, pois o corpo da bandeira irradia o seu axé por todo o povoado, axé esse recebido dentro do Lessém no Omo Ilê Aboulá. Essas ruas e casas voltam a ser suas como eram nos anos de 1940 quando apenas os filhos de Aboulá moravam na vila de pescadores que era Ponta de Areia, ela traz a presença de Aboulá e com ele a fartura e a vida:

*Lá vem ele!
O rei, o rei, o rei,
É ele,
Babá,
Aboulá!*

*Tudo se alegra
quando o venerável Babá Aboulá
está na terra!*

*Babá do Opá de veludo
vermelho e branco.
Que trás no Abalá
uma coroa.
Que trás na mão
um Oxé.*

*Tudo se alegra
quando o venerável Babá Aboulá
está na terra!*

*Filho de Oio,
descendente de Xangô
herdeiro de sua justiça,
continuidade de sua realeza,
permanência de sua linhagem,
vigor de sua dinastia,
lembrança de sua ancestralidade.*

*Tudo se alegra
quando o venerável Babá Aboulá
está na terra!*

*É o rei dos reis.
Atrás dele vêm outros reis,
todos em fila para poder festejá-lo,
vem reis nagôs
para poder reverenciá-lo.*

*Tudo se alegra
quando o venerável Babá Aboulá
está na terra!*

*É o rei dos Egum.
Que em vida foram:
guerreiros despatriados,
príncipes escravizados,
sacerdotes fugitivos,
caçadores enjaulados,
reis assassinados,
heróis violentados.*

*Tudo se alegra
quando o venerável Babá Aboulá
está na terra!*

*Quando Aboulá está na terra,
as árvores dão mais frutos,
o mar mais peixes,
os animais procriam,
as crianças nascem,
os mais novos amadurecem,
os mais velhos rejuvenescem.*

*Tudo se alegra
quando o venerável Babá Aboulá
está na terra!*

*Em sua casa,
no Omo Ilé Aboulá
seus filhos com júbilo aguardam,
e perante ele,
todos,
ajoelham-se,
prostam-se,
entregam-se.
É o rei dos mortos e dos vivos.*

*Tudo se alegra
quando o venerável Babá Aboulá
está na terra!
(VELAME, Fábio M., 2007).*

O corpo da bandeira, ao vencer as marés das ondas e ao trepidar ao vento encobre com o seu pano, abençoado por lemanjá, toda Ponta de Areia e impõe a todos que moram nela e àqueles que por ela passam o respeito ao culto aos Egum, o respeito ao venerável Babá Aboulá. O corpo da bandeira lembra a todos que lá residem que aquela terra é a terra do culto aos ancestrais, é a terra dos Egum.

Depois que o corpo da bandeira é fincado no mar, o cortejo se dirige para o largo da igreja, onde se realiza uma cerimônia pública para a rainha do mar, a mãe lemanjá. Logo, em seguida, tem-se então o início da festa profana nos bares da praia de Ponta de Areia e em suas praças até altas horas da madrugada. A festa profana flui abençoada pelos Egum, regida pelo sagrado, fundindo o sagrado e o profano nos sorrisos e gargalhadas dos membros do culto que se confundem com as satisfações e alegrias dos Egum por realizarem os rituais conforme os preceitos, da maneira como eles faziam e ensinavam aos seus filhos quando estavam vivos no Aiê.

A madrugada chega, o dia amanhece e lá está a bandeira sobre o mar na maré cheia, exuberante à luz da aurora, dando o seu recado a todos da sociedade de culto aos Egum: *“Começou a festa das águas e preparem-se para a festa dos presentes de lemanjá”* (Fig. 12):

*Babá trago-te presentes,
flores, perfumes, espelhos, jóias.
Para que você possaabençoar.
Para que eu possa levar para a rainha,
a senhora do mar,
a nossa mãe,
lemanjá!*

*Porque ela só recebe se:
a sua bênção neles se encontrar,
o seu axé neles repousar,
o meu pedido neles você colocar.*

*Para que o presente com o seu axé,
pelas ruas de Ponta de Areia, possa: desfilar,
pelas casas dos mais velhos, possa: passear,
pelos lugares dos antigos ancestrais, possa: reverenciar.*

*Para que lemanjá,
em seus braços de mar,
possa aceitar os:
pedidos,
desejos,
agradecimentos,
graças,
que só você Babá pode levar.*

*Porque só em você Babá,
ela pousa o olhar!
Porque só você Babá,
ela pode escutar!
Porque só em você Babá,
ela pode confiar!*

*Por favor Babá!
Aceite e abençoe os meus presentes,
para que eu possa levar para a rainha,
lemanjá!
Para que em seus braços de mar,
ela possa aceitar e levar
as minhas esperanças
para o seu palácio,
longe,
lá no fundo do mar!
(VELAME, Fábio M., 2007)*



Fig. 12: A bandeira em frente a praia de Ponta de Areia amanhece sob a luz da aurora.

Data: 20/01/2007.

Bibliografia:

- BRAGA, Julio. **Ancestralidade Afro-Brasileira: O culto de Babá Egum**. Salvador: Ed. EDUFBA, 1995.
- _____. **Ancestralité et vie quotidienne: le culte de babá egum à Ponta de Arei'**. Strasbourg: Ed. Reproduction, Moderne, 1986.
- _____. **Ancestralidade afro-brasileira**. Religião e Cidadania, Salvador, Ed. EGBA/UFBA, p.11-28, 1990.
- _____. **Ancestralidade em ponta de Areia; mulheres, crianças e o exercício da autoridade**. Revista Bahia, Salvador, nº14, p. 29-34, set./nov. 1989.
- _____. **Gente de Ponta de Areia: ancestralidade na dinâmica da vida social de uma comunidade afro-brasileira**. Revista Gente, Salvador, FFCH/UFBA, nº01, p.19-37, 1984.
- _____. **O dinheiro do chão e a hierarquia: aspectos da organização sócio-econômica do culto de babá egum**. Revista Padê, Salvador, nº 01, p.37-44, jul.1989.
- _____. **O culto de egum em Ponta de Areia, Itaparica**, In: REIS, João (org.), **Escravidão & invenção da liberdade; estudo sobre o negro no Brasil**, São Paulo: Ed. Brasiliense, p.198-214, 1988.
- CAETANO, Vilson; SOARES, Cecília; VELAME, Fábio. **Processo de Reconhecimento de Patrimônio Material e Imaterial Afro-Brasileiro do terreiro de culto aos Egum, Omo Ilê Aboulá**. Fundação Cultural Palmares. Salvador, 2006.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil Platôs: Capitalismo e esquizofrenia, vol.4**. São Paulo: Ed. 34, 1997.
- _____. **Mil Platôs: Capitalismo e esquizofrenia, vol.5**. São Paulo: Ed. 34, 1997.
- FILHO, Aulo B. **Egum, Os Espíritos Ancestrais – O Culto dos Egum no Candomblé**. Revista Planeta, São Paulo, nº 162, p.43-49, 1986.
- FOUCAULT, Michel. **Em Defesa da Sociedade**. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 2005.
- _____. **História da Loucura**. São Paulo: Ed. Perspectiva, 2007.
- _____. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Ed. Graal, 1979.

- _____. **Nascimento da clínica.** Rio de Janeiro: Ed. Forense Universitária, 2004.
- _____. **Vigiar e Punir.** Rio de Janeiro: Ed. Vozes, 2007.
- HEIDEGGER, Martin. **Ensaio e Conferências.** Rio de Janeiro: Ed. Vozes, 2006.
- MOURA, Carlos Eugênio Marcondes de (coord). **Olorisa: Escritos sobre religião dos orixás.** São Paulo: Agora, 1981.
- SANTOS, Deoscoredes M.; SANTOS, Juana E. **O Culto dos Ancestrais na Bahia: O Culto dos Eguns.** In: MOURA, Carlos E. M. (org.), *Olorisa, escritos sobre a Religião dos Orixás.* São Paulo: Ed. Agora, 1981.
- SANTOS, Deoscoredes M. **Festa de Mãe d'Água em Ponta de Areia, Itaparica.** Revista Brasileira de Folclore, Rio de Janeiro, Ed. Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro, vol.6, nº14, p.65-74, 1976.
- SANTOS, Juana E. **Os nagôs e a morte: pade, asese e o culto de egum na Bahia.** Rio de Janeiro: Ed. Vozes, 1998.
- _____. **Ancestralidade Africana no Brasil: Os 80 anos de Mestre Didi.** Salvador: Ed. SECNEB, 1997.
- _____. **Egungum – Ancestralidade Africana no Brasil.** Salvador: Ed. SECNEB, 1980.
- SILVA, Merilene R. N. **Negros na Rua.** Rio de Janeiro: Ed. Martins Fontes, 1994.
- VELAME, Fábio M. **A Arquitetura do Terreiro de Candomblé de Culto aos Egum: O Omo Ilê Aboulá um Templo da Ancestralidade Afro-Brasileira.** Salvador: Faculdade de Arquitetura da UFBA, 2007.
- VELAME, Fábio M. **O Lessayn: O Coração de um Terreiro de Egum.** Revista Eletrônica da Palmares, v.06, p.01-15, 2006.
- VELAME, Fábio M. **Dos Orixás Invisíveis aos Orixás Visíveis: Um ensaio sobre a mercantilização dos deuses nagôs na Bahia.** In: Simpósio Latino-Americano: Cidade e Cultura – Dimensões Contemporâneas, SIILLAC 2007, USP São Carlos. São Paulo, 2007.
- VELAME, Fábio M. **As Lacunas nos Tombamentos de Terreiros de Candomblé: Permanências, reminiscências e vestígios do patrimônio afro-brasileiro na cidade.** Arquimemória3 – Patrimônio Cultural Edificado: função social, integração e participação. Salvador, Bahia, 2008.
- VERGER, Pierre. **Fluxo e Refluxo do Tráfico de Escravos entre o Golfo de Benin e a Baía de Todos os Santos dos Séc. XVIII a XIX.** São Paulo: Ed. Corrupio, 1987.
- _____. **Os Orixás.** Salvador: Ed. Corrupio, 2002.